

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

### A PRÁXIS DA INICIAÇÃO NA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Claudia Galli<sup>1</sup>  
Gabriel Batistoni<sup>2</sup>  
Silvana Sewald<sup>3</sup>  
Vanderléia Lima<sup>4</sup>

**Resumo:** A experiência de atuar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, SubProjeto Pedagogia da Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, proporciona aos pibidianos a possibilidade de vivenciar práticas pedagógicas a partir de um contato direto com as crianças do Maternal I e Pré II no CMEI Herbert de Souza – Betinho, Francisco Beltrão e os professores que lá atuam. O PIBID oferece muitas contribuições à formação dos acadêmicos enquanto futuros docentes e pedagogos. A práxis presente no subprojeto é um importante fator, pois utilizamos da teoria orientada e assim nos permite refletir nossa prática no CMEI. Pode-se perceber a importância do Programa de Iniciação à Docência para os acadêmicos, visto que é por meio do contato direto com as práticas educativas que adquirimos experiência e construímos conhecimento concreto.

**Palavras-chaves:** PIBID; práxis; formação inicial; Pedagogia.

Baseado no texto "Estágio e Docência", de Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, este trabalho tem como o objetivo discutir a correlação entre teoria e prática na Educação Infantil. De acordo com as autoras, “não é raro ouvir que a respeito dos alunos que concluem seus cursos [...] que na prática a teoria é outra”. (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 33). Dessa forma, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID proporciona aos acadêmicos, que fazem parte do Subprojeto Pedagogia da Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, enquanto futuros docentes, a experiência de vivenciar a prática baseando-se na teoria.

Por meio das vivências, que o PIBID oferece, podemos identificar que a teoria é indissociável da prática e isso pode ser representado pelos encontros semanais que ocorrem entre

<sup>1</sup> Acadêmica do segundo ano noturno do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. e-mail: anaclaudiagalli@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do primeiro ano noturno do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. e-mail: gabriel-batistoni@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do primeiro ano noturno do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. e-mail: silsewald@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica do segundo ano noturno do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. e-mail: vand\_\_linda@hotmail.com

pibidianos e supervisores, quando a prática vem ao encontro da teoria. As experiências vivenciadas durante os dias em que estamos no CMEI são discutidas em sala e quando surgem dúvidas sobre determinado assunto busca-se a teoria pra uma maior compressão das atividades realizadas com as crianças.

Um exemplo a ser citado é o texto que estudamos durante os encontros do grupo: “A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotski” (FACCI, 2004), pelo qual pudemos identificar quais as fases que se encontram os alunos matriculados no CMEI. A partir do texto, pudemos identificar que as crianças que frequentam o Maternal I, entre 1 ano a 2 anos de idade, situam-se na segunda fase, "Objetal Instrumental", na qual a criança mantém contato com o adulto e aprende a manipular os objetos criados pelos homens.

Para ilustrar aspectos dessa fase "Objetal Instrumental", temos os momentos das refeições, pelas quais as crianças aprendem a manusear os utensílios da alimentação, como talheres, copos e pratos. Dessa forma, o conhecimento e as experiências advindas da prática social podem ser difundidos por todos e apropriados por cada um, por cada sujeito em particular.

Embora a linguagem constitua uma forma de comunicação com os adultos, para Elkonin (apud FACCI, 2004), ela não é atividade principal nessa fase de desenvolvimento; sua função maior é auxiliar a criança a compreender a ação dos objetos, é assimilar os procedimentos, socialmente elaborados, de ação com os objetos.

Já no Pré II, com crianças entre 3 anos a 4 anos de idade, pode-se perceber que as crianças se encontram na terceira fase – "Jogo ou Brincadeira", quando o aprendizado decorre da observação que fazem dos adultos, e a tentativa de imitá-los por meio dos jogos de papéis. Assim, durante as brincadeiras espontâneas, as crianças costumam representar a família e também o papel da professora. Ou seja, "o jogo é influenciado pelas atividades humanas – a atividade dos homens e as relações com os adultos" (ELKONIN, apud FACCI, 2004, p. 421).

A nossa participação no CMEI é importante também para que, desta forma, possamos entender um pouco mais sobre a vivência das crianças neste espaço de aprendizagem, e sobre os métodos utilizados dentro das salas para que as crianças possam aprender e também interagir uns com os outros de forma qualitativa, havendo afeto e companheirismo entre professores e alunos.

Por conta das crianças ainda serem pequenas, as professoras se utilizam bastante do diálogo. Com os menores do Maternal I, elas costumam falar e mostrar-lhes do que estão falando para que possam associar as palavras aos objetos, possibilitando que, desta forma, em um momento

posterior, já possam reconhecer sozinhos os objetos citados anteriormente. Já as crianças do Pré II, estas conseguem assimilar as coisas. Contudo, o dialogo continua sendo utilizado para que compreendam melhor o que está sendo trabalhado.

É bastante perceptível que no CMEI as professores utilizam-se muito das brincadeiras para sua prática pedagógica, pois nesta faixa etária, de 0 a 4, as crianças aprendem através do brincar, das suas experiências e vivências diárias e também por meio da repetição, bem exemplificada em sua rotina. Nesse sentido, a repetição cumpre objetivo para que possam compreender que, para tudo tem horário e lugar certo para ser feito, desde a hora de dormir, comer, ir ao banheiro até mesmo os horários de chegada e saída e que devem ser respeitados.

O convívio com as supervisoras tem sido produtivo, pois, com suas orientações, podemos perceber várias formas de se trabalhar em sala de aula e também conhecer aspectos pedagógicos sobre o planejamento realizado por elas. Isso vem nos possibilitando perceber que este deve ser amplo e bem organizado para trabalhar com as crianças, haja visto que, sabemos que quanto mais pequenas são, menor será o seu tempo de concentração. Nós adultos temos dificuldade em concentrarmo-nos em cada atividade por algum período de tempo muito logo. É por isso que devemos nos preparar com várias atividades (como as brincadeiras), para que os alunos possam aproveitar ao máximo o período em que frequentam a instituição de ensino.

367

A práxis<sup>5</sup> do Subprojeto possibilita aos acadêmicos o contato com a realidade escolar e não apenas o conhecimento teórico, visando que o objetivo principal do mesmo seja incentivar os acadêmicos na permanência da carreira docente. Deste modo, pode-se ocorrer o incentivo à busca de soluções para minimizar a carência no ensino público, já que os acadêmicos vivenciam esta realidade. De acordo com Pimenta e Lima (2004, p. 49):

Assim, a teoria, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vista variados sobre a ação contextualizada. Os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da ação dos professores e da prática institucional, ressignificando-os e sendo por eles ressignificados.

Através do PIBID, os acadêmicos podem perceber a importância da práxis para que esta contribua para a formação de cada um enquanto futuros docentes e pedagogos na construção de um conhecimento reflexivo, avaliativo dessa prática e a solução das adversidades encontradas no cotidiano profissional.

---

<sup>5</sup> Para Marx, práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis). (Selma Garrido Pimenta, 2010, p. 86).

**Referências:**

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. Cortez. São Paulo, SP: 2004.

FACCI, M. G. D. A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004.

PIMENTA, Sema Garrido. O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática? – 9 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.